

Artigo

Relações de poder e mudança social Uma análise comparativa das visões de Norbert Elias e Pierre Bourdieu

Luiza Costa Melo*

Resumo

Este trabalho, com uma proposta ensaística, objetiva estabelecer uma breve discussão entre as perspectivas de Pierre Bourdieu e Norbert Elias acerca da configuração de relações de poder e as mudanças sociais, segundo o conteúdo das obras “O Desencantamento do mundo”, de Bourdieu, e “Os estabelecidos e os Outsiders” de Elias e Scotson. Através de uma análise comparativa pautada nos referidos textos, este trabalho procura responder às seguintes questões para cada autor: quais categorias são utilizadas para abordar as relações de poder? Como são analisadas? E como são interpretados os processos de mudança das relações sociais? A análise conclui que Elias e Scotson retratam as relações de poder em análise relacional e processual, atentos às interdependências, enquanto na obra sobre os trabalhadores na Argélia, Bourdieu o faz através da noção de *habitus* de classe, com abordagem estruturalista. Por fim, foi produzido um diagrama conclusivo que resume e compara os seguintes âmbitos centrais da teoria dos autores: modelo de relação de poder; fator de diferenciação; mecanismo de manutenção; e mudança social.

Palavras-chave: Relações de poder. Mudança social. Pierre Bourdieu. Norbert Elias.

Power relations and social change: a comparative analysis of the visions of Norbert Elias and Pierre Bourdieu

Abstract

This work, with an essayistic proposal, aims to establish a brief discussion between the perspectives of Pierre Bourdieu and Norbert Elias about the configuration of power relations and social changes, according to the content of the works "The Disenchantment of the World", by Bourdieu, and "The Established and the Outsiders" by Elias and Scotson. Through a comparative analysis based on these texts, the present work aims to answer the following questions for each author: which categories does he use to address power relations? How are they analyzed? And how are the processes of change in social relations interpreted? The analysis concludes that Elias and Scotson portray power relations in relational and processual analysis, attentive to interdependencies, while in the work on workers in Algeria, Bourdieu does so through the notion of class *habitus*, with a structuralist approach. Finally, a conclusive diagram was produced that summarizes and compares the following central areas of the authors' theory: power relation model; differentiating factor; maintenance mechanism; and social change.

Keywords: Power relations. Social change. Pierre Bourdieu. Norbert Elias.

* *Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: luiza.melo.121@gmail.com*

Poder é um conceito polissêmico que se localiza no centro das discussões das ciências sociais, uma vez que permeia as relações sociais e, com efeito, organiza a vida social. Com a complexificação das estruturas e organizações sociais, as relações de poder vão se modificando e se dispendo contínua e fundamentalmente na história social e política. Diversos autores clássicos da Sociologia se dedicaram à compreensão de como o poder é exercido e mantido, a exemplo de Karl Marx, Max Weber, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Anthony Giddens, retratando o poder de diferentes formas: desde o poder do Estado ao controle social, o poder como capacidade, até os comportamentos culturais, a ascensão de elites e a luta de classes.

No debate da mudança social, diversas perspectivas também se fazem presentes na tradição sociológica. Entre os clássicos, Marx evidencia a ótica das contradições internas das sociedades de classes que culminam na revolução; Weber trata do processo de racionalização e desencantamento do mundo; e Durkheim apresenta a perspectiva do aumento gradual da divisão social do trabalho. Além de Bourdieu e Elias – que serão tratados mais propriamente neste artigo – outros autores centrais da Sociologia também se dedicaram à compreensão das mudanças sociais, como Anthony Giddens, Talcott Parsons e Charles Tilly. Suas interpretações sobre o problema sociológico variam entre a ênfase na dualidade da estrutura social, a análise dos processos de adaptação dos sistemas sociais e a explicação da mudança por meio da mobilização coletiva e da ação política.

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, implícitas ou explícitas, conscientes ou inconscientes, as relações de poder atravessam todas as relações humanas (Lima, 2010). Na visão do alemão Norbert Elias, o poder é inerente às relações sociais, funcionando através de relações de interdependência comparáveis a uma balança, em que o peso de um lado depende do peso do outro. O poder é a força que faz a balança pender, na maioria das vezes, em favor de grupos mais prestigiados e influentes, embora ela esteja sujeita a um equilíbrio flutuante, que possibilita trocas na estrutura

social. Neste trabalho, me proponho a fazer uma breve análise ensaística de como são observadas e analisadas as relações de poder por Bourdieu e Elias a partir das obras “O Desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais” [1977] (2021) de Bourdieu e “Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” [1965] (2000) de Elias e John L. Scotson. Ademais, busco examinar nestas obras como são retratadas as mudanças nas relações sociais por cada um dos autores, posto que estudar essas mudanças é um exercício fundamental nas ciências sociais. Assim sendo, o trabalho objetiva explorar as seguintes questões para cada sociólogo: quais categorias são utilizadas para abordar as relações de poder? Como são analisadas? E como são interpretados os processos de mudança das relações sociais?

A escolha dessas obras se justifica pelo fato de ambas oferecerem análises relevantes sobre as dinâmicas de poder em contextos empíricos específicos, empregando suas respectivas abordagens teóricas na pesquisa de campo, e articulando, assim, suas análises a processos mais amplos de mudança social. Embora em escalas e contextos distintos, as análises dos autores oferecem perspectivas baseadas em dados etnográficos para pensar relações de poder e possibilidades de mudança social.

A hipótese do trabalho é que Elias e Scotson identificam que as relações de poder se fundamentam no caráter temporal e interdependente dos grupos, a partir de uma análise relacional e processual, pensam em equilíbrio e graus de poder. Já, na obra sobre os trabalhadores na Argélia, Bourdieu o faz através da noção de classe social e do seu conceito de *habitus*, analisando de maneira crítica o processo de imposição colonial das estruturas capitalistas sobre os sujeitos.

1. A colonização e a reconstrução do *habitus*

O célebre difusor do conceito de dominação simbólica, Pierre Bourdieu, possui uma visão acerca do poder baseada no conceito de *habitus*, a qual extrapola a tradição funcionalista e defende a análise estrutural como

instrumento metodológico para compreender a lógica das formas simbólicas, e, assim, volta suas preocupações para as relações (Capelle *et al.*, 2005). Nessa ótica, a esfera do simbólico opera como instrumento de dominação, contribuindo para a legitimação da ordem estabelecida – grupos dominantes e grupos dominados. Ademais, em sua teoria do *habitus*-campo, o campo representa

um campo de forças imposto aos agentes que nele se encontram e um campo de lutas no qual esses agentes lutam com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura desse campo. O campo consiste, portanto, numa estrutura de relações sociais, num espaço socialmente estruturado, cujos limites só podem ser determinados em cada situação. (Capelle *et al.*, 2005, p. 359)

Em sua teoria da ação (Bourdieu, 1996), condensada nos conceitos fundamentais de *habitus*, campo e capital, Bourdieu apresenta o *habitus* como a representação das estruturas incorporadas; ele representa o espaço das disposições socialmente adquiridas. Produtos de posições, eles são distintos e operadores de distinções. Em suas palavras, o *habitus* é um “princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (Bourdieu, 1996, p. 21 a 22). Dessa maneira, o *habitus* gera práticas distintas e distintivas, como o exemplo do operário e do empresário industrial: o que o operário come, como se veste, os esportes que pratica, sua forma de andar, seu posicionamento político e a maneira que se expressa são sistematicamente diferentes destas práticas e características do empresário. De forma resumida, sua teoria da prática busca desenvolver uma relação dialética entre o comportamento dos agentes, estimulado pelas disposições socialmente adquiridas, e as estruturas objetivas (campo), onde os agentes se relacionam, conforme sua posição social distintiva (Caprara, 2023).

Na obra *Travail et travailleur en Algérie – O trabalho e os trabalhadores na Argélia, em tradução livre –*, publicada no Brasil como “O Desencantamento do mundo: estruturas econômicas e temporais”, Bourdieu

demonstra o funcionamento do mecanismo de dominação colonial com base em longa pesquisa etnográfica e quantitativa. Nessa obra, ele emprega o conceito de *habitus* de classe, que se trata de um *habitus* conformado, que enfatiza a estrutura e não aparenta oferecer tanto espaço para a agência dentro de um contexto colonial violento. Em outras palavras, o *habitus* de classe aparece como produto de um tipo determinado de condição econômica, com o futuro prático e coletivo definido por seus *status* de classe social.

Apesar de as condições econômicas objetivas serem um elemento explicativo relevante na análise do livro, não é o elemento explicativo decisivo, o qual se encontra nas disposições econômicas e temporais – nas estruturas simbólicas. Dessa forma, embora a obra apresente em diversos momentos um tom de crítica próxima ao marxismo, Bourdieu se inspira na perspectiva do trabalho durkheimiana (Durkheim, [1893] 1999). Isto é, no sentido de enxergar a divisão do trabalho como relevante não pelo aspecto econômico e material – como seria no sentido marxista –, mas sim pelo seu significado moral, simbólico. Resumidamente, para Durkheim, o trabalho tanto reflete quanto reforça a moral e os significados sociais que compõem o domínio simbólico, já que expressa a posição e o comportamento de cada indivíduo no sistema social, e também funciona como um mecanismo de integração social.

A pesquisa de Bourdieu sobre a situação argelina volta seu foco para o mecanismo de dominação colonial perpetuado na integração das classes dominantes, enquanto as classes dominadas se mantêm desmobilizadas. Os argelinos que se encontram nas classes dominadas são principalmente os subproletários, denominação baseada na instabilidade dos trabalhadores: os proletários possuíam maior grau de instrução e monopolizavam os cargos “nobres” e administrativos, ao passo que os subproletários trabalhavam para a satisfação das necessidades imediatas, ocupando cargos inferiores e imersos na incerteza de obtenção de trabalho.

O livro percorre o processo da expectativa de adoção de um *ethos* econômico racional pelos argelinos, sujeitos à colonização capitalista francesa, oriundos de uma sociedade pré-capitalista. Para tanto, a obra atravessa os

temas da solidariedade comunitária, da ideia do que é trabalho, da introdução à gestão monetária capitalista, da divisão sexual do trabalho, da transição no tipo de moradia e na relação da família com o espaço doméstico. Nesse contexto, somente por meio da conversão os argelinos poderiam desfrutar das vantagens econômicas proporcionadas pela modernização da economia capitalista. Como o autor diz, “o sistema econômico importado pela colonização tem a necessidade de um “cosmos” no qual os trabalhadores se veem jogados e cujas regras eles devem aprender para sobreviverem.” (Bourdieu, 2021, p. 13). Entretanto, conforme a teoria bourdieusiana, os agentes atuam segundo seu *habitus*, adquirido ao longo da vida e por meio das formas de socialização exercidas pelo meio social em que vivem. Dessa maneira, esses indivíduos deveriam reinventar um novo sistema de disposições, sob a pressão da necessidade econômica, orientados para a racionalização formal, pautada na previsibilidade e calculabilidade.

O *processus* de mudança é uma tarefa muito difícil em uma realidade marcada pelo desemprego crônico, por condições materiais escassas e na qual a tradição pré-capitalista é totalmente diferente daquela que está sendo imposta. Nesse sentido, a assimilação forçada influi, inclusive, na subjetividade dos trabalhadores, pois interfere: na economia doméstica tradicional, na solidariedade familiar, nos gostos, nas necessidades, nas aspirações de habitação, na obtenção de lucro, na produtividade e na própria noção de trabalho. Segundo Bourdieu, como o sistema econômico capitalista deve estar em harmonia com as disposições, a racionalização se alastra para a economia doméstica, pois este sistema espera objetivamente dos agentes um determinado tipo de disposições econômicas e temporais. Ao descrever o desencantamento argelino, o trabalho do autor reconstrói a gênese do *homo-economicus*.

Com a universalização das trocas monetárias, própria à modernização, a noção de trabalho é transformada de tal maneira que os subproletários, que compõem a maioria, não possuem liberdade e se encontram dispostos a aceitar qualquer emprego. Isso pois a atividade antes

significava apenas uma ocupação, voltada à satisfação das necessidades de reprodução da vida, por meio da agricultura, criação de gado e artesanato familiar. A ideia de trabalho se transforma em outra coisa ao passo que a obtenção de uma renda em dinheiro se torna uma necessidade absoluta e universal. O trabalho vira atividade de lucro e, em seguida, a produtividade passa a ser um aspecto importante. Logo, abandonando os proletários cabilas na nostalgia da tradição, as relações de trabalho frias e impessoais do capitalismo substituem as relações humanas e solidárias as quais estavam habituados.

Além disso, erguem-se fronteiras sociais, conforme a criação da hierarquia entre os trabalhadores estáveis e os subproletários, junto à manutenção de redes sociais pelos “estáveis” estarem em cargos superiores e a distância social que se encontram das ocupações inferiores. Assim como ressaltado na apresentação de Elisa Klüger:

Dentre as contribuições presentes nos escritos sobre a Argélia, sobressai-se, notadamente, a formulação acerca do processo de constituição do *habitus* em função da posição social e do percurso dos agentes, seguida de observações relativas à influência que o *habitus* exerce na conformação de visões de futuro, bem como na definição das estratégias mobilizadas pelos agentes ao tomar decisões e agir no mundo. Tal desenvolvimento teórico enquadrou e embasou o vasto conjunto de estudos nos quais Bourdieu delineou a distribuição relacional das práticas e tomadas de posição dos agentes, em função de suas origens sociais e trajetórias [...] (Elisa Klüger, 202, localização 90-94).

Nesse sentido, pela maior aptidão para submeter as condutas econômicas à previsão e ao cálculo, as condições das classes superiores lhes permitem a assimilação à modernização e a adoção de um novo estilo de vida com facilidade. Um grande exemplo do novo estilo de vida é a habitação nos apartamentos, moradias que simbolizam distinção social e urbanização, mas que exigem um preço alto de aluguel e uma reorganização quase integral da compreensão tradicional argelina do que é o espaço e economia domésticos. Bourdieu explica como o apartamento moderno significa um mundo estranho aos argelinos:

O apartamento moderno é um espaço já estruturado, o que é indicado por sua organização, sua extensão, sua forma, ao tipo de utilização futura etc. A título de utensílio, isto é, de objeto material preparado para um certo uso, ele revela seu futuro e o uso futuro que poder-se-á (e dever-se-á) fazer dele, se se quiser conformar-se à “intenção” que contém. Em resumo, ele se manifesta como um sistema de exigências que se inscrevem no espaço objetivo e que exigem ser preenchidas, como um universo salpicado de expectativas e por isso criador de necessidades e de disposições. (Bourdieu, 2021, localização 1789-1793)

A habitação, assim, é um dos símbolos da obra na explanação da fronteira entre as classes como a “soleira da modernidade”, conforme a colonização avança, aumenta o abismo entre as classes sociais.

Bourdieu demonstra, assim, como a mudança nas estruturas da sociedade da Argélia ocorreu a partir de um fator exógeno, representado aqui como a colonização francesa. As estruturas econômica e social não resultaram de uma evolução autônoma da sociedade, transformando-se conforme sua lógica interna. Pelo contrário, foram produzidas através de uma mudança exógena e acelerada que foi imposta (Bourdieu, 2021).

2. O modelo estabelecidos-outsiders

Norbert Elias e John L. Scotson desenvolveram entre as décadas de 1950 e 1960 um estudo fundamental sobre a configuração das relações de poder, que deu origem à obra “Os estabelecidos e os outsiders”. Realizado em uma pequena comunidade inglesa industrial que leva o nome fictício de Winston Parva, o trabalho microssociológico revela processos de estratificação social e de estruturação social comuns a várias comunidades. A comunidade em questão dividia-se em: zonas 1, 2 e 3. A zona 1 era habitada por famílias de classe média e alta e as zonas 2 e 3 eram compostas por famílias de operários. No processo de investigação, os autores rapidamente notaram que os habitantes da zona 2 sentiam-se moralmente superiores aos da zona 3, sendo a relação de poder estudada mais especificamente voltada para essas duas zonas, que, inclusive, eram as mais populosas.

A sociodinâmica estabelecidos-outsiders constitui-se da seguinte maneira: os estabelecidos são os moradores mais antigos de Winston Parva, membros das famílias da zona 2, residentes há mais de duas ou três gerações; e os outsiders são os moradores da zona 3, os mais recentes frente às zonas 1 e 2. As duas zonas não diferem em raça, nacionalidade, classe social, ascendência étnica ou nível educacional. No entanto,

Ainda que, segundo os indicadores sociológicos correntes (como renda, educação ou tipo de ocupação), Winston Parva fosse uma comunidade relativamente homogênea, não era esta a percepção daqueles que ali moravam. Para eles, o povoado estava claramente dividido entre um grupo que se percebia, e que era reconhecido, como o establishment local e um outro conjunto de indivíduos e famílias outsiders. (Neiburg, 2000, p. 6)

Ou seja, apesar das famílias terem pouca ou nenhuma diferença no que tange aos marcadores sociais mais comuns, havia uma clivagem social facilmente percebida em Winston Parva. O único diferencial que separava as famílias “moralmente superiores” das consideradas inferiores era a temporalidade de residência na região, já que os moradores da zona 2 estavam lá há décadas antes dos primeiros habitantes da zona 3 se instalarem (Elias e Scotson, 2000). Nesse contexto, os membros mais antigos se julgavam superiores aos recém-chegados, e estes sofriam o desprezo do grupo mais antigo. Os estabelecidos acreditavam ser dotados de uma espécie de “carisma grupal”, uma determinada virtude compartilhada entre os antigos residentes, que faltava nos outsiders (Elias e Scotson, 2000). Os recém-chegados eram tratados com exclusão, como “os de fora”, sofriam com a estigmatização e a marginalização por parte do grupo estabelecido.

Essa relação de poder sustentava-se no tempo basicamente pela diferença no grau de coesão de cada grupo e pelo controle interno da comunidade. Enquanto as famílias antigas da região possuíam fortes laços geracionais entre si, ocupavam cargos de liderança nas associações da comunidade e se comportavam como esperado pelos pares, os recém-chegados não possuíam coesão interna. Os habitantes da zona 3 eram considerados anômicos, pois a maioria sequer se conhecia ou havia formado laços

significativos entre si. Ademais, a censura grupal, como uma “cartilha de virtudes”, era fundamental para a integração do grupo estabelecido, uma vez que tinha o intuito de preservar a superioridade grupal, fazendo com que as regras de conduta fossem respeitadas, e evitando contato estreito com outsiders. Assim, esse “medo da poluição” auxiliava no processo de exclusão dos recém-chegados, pois os residentes antigos preveniam-se da ameaça de “infecção anômica”.

Essa relação “nós X eles” também se sustentava pelo mecanismo da fofoca do grupo coeso. As fofocas podiam ser “elogiosas” ou “depreciativas”, variando de acordo com as normas e crenças coletivas e com as relações comunitárias. É importante destacar que “o grupo mais bem integrado tende a fofocar mais livremente do que o menos integrado, e que, no primeiro caso, as fofocas das pessoas reforçam a coesão já existente” (Elias e Scotson, 2000, p. 192), por isso as fofocas são exercidas majoritariamente pelos estabelecidos. Funcionando como um verdadeiro fator de integração, as fofocas elogiosas eram reservadas para aqueles que compunham o grupo estabelecido, no intuito de trazer fama e confirmar virtudes dos indivíduos ou famílias. Já as fofocas depreciativas eram feitas acerca do grupo excluído, carregadas de preconceito, de discriminação grupal e das crenças neles encarnadas, mantendo a imagem de inferioridade dos “outros”. Além de tudo, as fofocas eram um entretenimento significativo, posto que a maneira como falavam de seus conhecidos aparentava o modo de comentar sobre celebridades e pessoas da mídia.

A relação de poder do microcosmo existia, portanto, devido aos diferentes graus de coesão interna e controle comunitário, fatores que foram decisivos na relação de forças entre os grupos (Elias e Scotson, 2000). E o ponto-chave da gênese do grau de coesão, assim como da identificação coletiva e das normas comuns era a antiguidade das famílias da zona 2. Em contraposição, os outsiders não tinham coesão e, conseqüentemente, não conseguiam se organizar e revidar.

O conjunto desses componentes era capaz de “induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos.” (*ibid.*, p. 23). Tal complementaridade é característica da relação estabelecidos-outsiders, posto que a interdependência, em seu caráter relacional, é crucial nessa sociodinâmica. Temos que a autoimagem de um grupo é intrínseca ao outro: o carisma grupal do grupo e a desonra grupal do outro grupo são complementares.

O papel da autoimagem é fundamental para a construção das subjetividades, uma vez que a construção identitária coletiva atribui características “ruins” ao conjunto outsider, pautado em um julgamento distorcido *pars pro toto*. Essa distorção “faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim”” (Elias e Scotson, 2000, p. 25). Os autores identificam que a fama ruim dos outsiders é sempre baseada em sua minoria anômica. Em contraste, a autoimagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais normativo; na minoria de seus “melhores” membros. Com a manutenção do estigma ao longo do tempo, os próprios membros dos grupos passam a acreditar nesta construção de imagem coletiva, dado que a autoimagem e a autoestima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele.

Finalmente, deve-se destacar que, nessa obra, a mudança nas relações de poder é um ponto central abordado por Elias e Scotson. A relação estabelecidos-outsiders tratada no livro funciona como o retrato de um momento – o momento da pesquisa –, o que faz que ela pareça estática. No entanto, Elias ressalta que o equilíbrio de poder entre os grupos é mutável conforme o desenrolar do processo histórico, e o modelo demonstra que os problemas sociais são inerentes a essas mudanças. As sociedades se desenvolvem em longas sequências de acontecimentos, com “movimentos de ascensão e declínio de grupos e a dialética da opressão e da contra-opressão dos ideais de grandeza de um grupo estabelecido, esvaziadas pelos ideais dos

antigos outsiders que ascendem à posição de um novo *establishment*.” (Elias e Scotson, 2000, p. 47). Vemos que Elias constantemente projeta a sociodinâmica do trabalho microssociológico para o âmbito macro, pois a ideia é que o modelo de uma figuração estabelecidos-outsiders possa funcionar como um “paradigma empírico” para analisar outras dinâmicas sociais.

Cabe destacar que o modelo estabelecidos-outsiders também foi empregado por Elias na obra “Os alemães” (1997), seu último trabalho, no qual ele analisa uma dimensão espacial e temporal muito mais extensa do que no caso de Winston Parva. “Os alemães” trata-se, de fato, de um macroprocesso de longa duração, do qual o próprio autor participa, dedicado à análise do contexto alemão de formação de personalidade, do comportamento, da estrutura social, do Estado nacional e das condições que possibilitaram a ascensão do nazismo. Aqui, no caso de Winston Parva, a antiguidade foi o fator estruturante da configuração social específica que se deu em uma comunidade local. Já em “os alemães” (1997) – com uma ampla análise feita através de métodos documentais – o fator de diferenciação que constituiu a relação estabelecidos-outsiders entre a aristocracia alemã (estabelecidos) e a burguesia (outsiders) foi a posição de inferioridade social e simbólica da burguesia diante da aristocracia. Nesse sentido, a diferenciação na dimensão do simbólico se manifestava na adoção do *ethos* guerreiro como orientador cultural, em uma sociedade fundada num ideal militar de honra e de *status*. Sendo assim, esse era o fator de diferenciação que impedia que a burguesia de assumisse plenamente a liderança na formação do Estado alemão, se submetendo à uma posição inferior frente à tradição aristocrática.

3. Comparação dos autores

Apesar da obra bourdieusiana acerca dos trabalhadores da Argélia não tratar propriamente de uma teoria das relações de poder como no estudo de Elias e Scotson, é possível estabelecer conexões entre as duas.

A obra de Bourdieu defere fortes críticas à colonização e seus impactos na vida de uma população habituada à determinada tradição, o que influi diretamente em sua compreensão de mundo, entre espaço, tempo e subjetividade. As relações de poder encontradas aqui podem ser mais de uma: classes superiores (tradicionalistas e pequena burguesia em ascensão) e classes inferiores; proletários (estáveis) e subproletários (instáveis); e colonizador e colonizado. Em linhas gerais, o grupo dominado e que possui menor poder é sempre o de subproletários, foi esse grupo que mais enfrentou dificuldades no processo de assimilação da ideologia colonizadora.

Essa gama de pares de diferenciais de poder indica hierarquias internas entre os colonizados: existem alguns proletários e sujeitos colonizados que perceberam a adaptação à vida moderna positivamente. Entre eles, estão os indivíduos que tiveram acesso à qualificação e, conseqüentemente, ocupações com rendas mais altas, e aqueles que se encontravam em classes superiores e, com a transição para a vida moderna, ascendem como pequena burguesia. Assim, para fins de comparação, tratarei aqui da relação de poder entre trabalhadores estáveis e trabalhadores instáveis — subproletariado.

Primeiramente, as obras sobre o modelo figuracional estabelecidos-outsiders e a das estruturas econômicas e temporais se assemelham em termos de forma e são ambas primorosas em conteúdo, com robustos diálogos entre trabalho de campo e teorização. Segundo, ambos os textos trabalham tópicos análogos, entre eles: coesão, dimensão temporal, comportamento grupal e subjetividade nos processos de exclusão e inclusão. O coletivo que concentra mais poder nos ambientes de trabalho da Argélia – trabalhadores qualificados – concentra os melhores cargos entre si e mantém uma rede integradora com seus companheiros, enquanto resguarda distância da massa dos operários. Situação parecida ocorre em Winston Parva com o grupo de antigos residentes, que mantém seu grupo coeso, integrado e se distanciam dos “outros”. Em seguida, a manutenção de sua conduta se dava por meio da censura grupal, pois deviam comportar-se conforme certas normas,

preservando o carisma grupal. No caso da Argélia, as disposições práticas dos sujeitos colonizados devem ser reestruturadas após o desenraizamento do universo tradicional; ou seja, o *habitus*, de maneira sistemática, modifica o comportamento e as compreensões. Outro ponto em comum entre os livros é que em estabelecidos e outsiders, a obra também se dá entre trabalhadores, operários em sua maioria.

No tocante à dimensão temporal, os autores a consideram de formas diferentes. Para Elias, a antiguidade de residência é o fator que torna os estabelecidos um grupo coeso, visto que as famílias se conhecem há duas ou três gerações. Isto é, a antiguidade no espaço é o que diferencia os grupos da região. Logo, o “tempo” aqui é compreendido como “tempo de pertencimento”. Para Bourdieu a temporalidade está no que chama de estruturas ou disposições temporais, que é a consciência temporal ao qual os indivíduos devem se adaptar em face da previsão calculista, fundadora da ação econômica racional. Dessa maneira, a temporalidade não se refere à antiguidade, mas a atributos estruturantes de um regime temporal dominante. Ela é uma estrutura objetiva, social e histórica, de organização do tempo.

Enfim, acerca dos processos subjetivos, na obra de Bourdieu estão interligados ao próprio *processus* de assimilação da nova ordem econômica e social, que influi no *habitus*, pois a gênese do *homo-economicus* é um acordo subjetivo e objetivo. Além disso, os indivíduos em condições instáveis se sentem descolados dessa nova ordem e nostálgicos à ordem tradicional. Para Elias, a subjetividade está relacionada com a pressão do “nós”, uma vez que a autorregulação dos membros depende da opinião interna que o grupo coeso faz de si. Estes acreditam e preservam sua imagem de “superioridade”, que também afeta a autoimagem do outro grupo. Para os outsiders, a construção de sua autoimagem é atravessada pela estigmatização, que leva os próprios indivíduos a considerarem-se humanamente inferiores. Em linhas gerais, “a identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo e as pretensões

carismáticas grupais ajudam a moldar a identidade individual, na experiência que o sujeito tem de si e das outras pessoas.” (Elias e Scotson, 2000, p. 198).

Por outro lado, os autores apresentam dissonâncias em certos pontos. Em primeiro lugar, Bourdieu, pautando-se na teoria das práticas, tem uma saída com inclinação estruturalista¹, enfatizando mais a reprodução das estruturas frente à agência. Ao passo que Elias faz uma análise figuracional e que, ao final, valoriza a dimensão da agência, especialmente ao defender o dinamismo das relações sociais. Em termos de mudança social, Elias a aborda como algo característico à própria sociedade, posto que defende a historicidade do equilíbrio de poder entre grupos. Na obra de Bourdieu, contudo, a mudança social é intrínseca à própria temática do texto, que aborda a forte e desconcertante mudança nas estruturas. Embora o tópico da mudança social não seja aprofundado no texto, entende-se que a colonização, como um fator exógeno, foi a impulsionadora da mudança social.

Um último ponto que merece comparação é o uso de cada autor sobre o conceito de *habitus*. Certamente, ambos os sociólogos utilizam o *habitus* para compreender a relação entre indivíduo e sociedade. No entanto, para além do que já foi explicitado anteriormente sobre a compreensão de Bourdieu do conceito, Elias o utiliza de maneira um pouco diferente, por exemplo em “O Processo Civilizador” (1994) e na obra citada anteriormente, “Os alemães” (1997). Enquanto uma obra que tem pontos em comum com “Os estabelecidos e os outsiders” por empregar seu modelo de análise de relações de poder, em “Os alemães”, Elias descreve o *habitus* como padrões duradouros de comportamento e autocontrole, internalizados pelos indivíduos no curso dos processos sociais de longa duração. Assim, diferentemente de Bourdieu que vai explicar o *habitus* no sentido da dialética das estruturas, Elias enfatiza a formação histórica dos atributos individuais relacionadas ao processo sócio-histórico de longa duração. O *habitus* conforme Elias, tende a frisar o autocontrole e a interdependência, intrinsecamente ligados à sua sociologia

processual, preocupada com o processo civilizador. De maneira um pouco distinta, o *habitus* em Bourdieu está sempre ligado ao capital social e à reprodução das estruturas, através da incorporação delas.

Portanto, percebe-se que Bourdieu dá maior ênfase aos traços de homogeneidade entre os agentes, originados a partir do *habitus* de classe. Dessa forma, sua saída explicativa para a mudança acaba apontando mais para a força da estrutura sobre os agentes, uma vez que os *habitus* individuais são apontados como derivações da estrutura objetiva da classe. Como o autor ressalta em outro momento:

O *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos a consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo. (Bourdieu, 1996, p. 144)

Sendo assim, a subjetividade dos agentes é, em geral, modelada pelas condições objetivas e pelas estruturas sociais, as quais, através da socialização, influenciam seus desejos, expressões, habilidades cognitivas e a própria prática (Caprara, 2023).

Já na abordagem elisiana, a mudança social está sempre inscrita em figurações históricas em movimento. Sendo assim, Elias interpreta os processos históricos como abertos. Em última análise, sua abordagem enfatiza a processualidade e a dinâmica das estruturas sociais, visto que as interdependências e a transformação das relações de poder – ilustradas pela metáfora da balança – dão menos relevância à permanência e à reprodução da estrutura, em contraste com a obra de Bourdieu.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi, para além da análise exposta, realizar um exercício comparativo entre sociodinâmicas de retratos de mudanças sociais bruscas para grupos, de maneira a evidenciar a operação das relações de poder em voga. Este exercício, inevitavelmente, carrega limitações quanto às

possibilidades de maiores generalizações, devido ao fato de escolher comparar uma obra de cada autor. Certamente, futuras propostas sociológicas de comparação que se debrucem na totalidade de suas produções poderiam produzir conclusões em vias de possibilitar maiores generalizações e contribuições mais amplas para a teoria social contemporânea. Por último, vale lembrar que a comunidade de Winston Parva e o contexto da Argélia tratam-se de figurações sócio-históricas bem diferentes entre si, e, por conseguinte, o modo como se estruturam nas relações de poder e os processos de mudança social.

Conforme as pontuações expostas sobre as análises dos autores acerca do diferencial de poder nas relações sociais dos casos de Winston Parva e da Argélia em transição capitalista, podem ser destacadas algumas conclusões. Ao contrário de “Os estabelecidos e os outsiders”, o livro de Bourdieu não chega a formular um modelo de relações de poder inspirado na etnografia, enquanto Elias denomina o seu de relação “estabelecidos-outsiders”, que serve como uma teoria geral das relações de poder. Além disso, entre as obras a dialética aparece como uma lógica importante. Em “O desencantamento do mundo” a dialética formula e reformula as disposições do *habitus*; e no livro de Elias, ela está presente especialmente na interdependência dos grupos.

No tocante à obra bourdieusiana, acredito que a hipótese do uso do *habitus* juntamente à classe social como noções centrais da análise tenha se confirmado. Diferente do que se é muito difundido no senso comum sociológico, a interpretação de Bourdieu não dá tanta margem de manobra para a criatividade dos agentes e, por isso, a mudança é explicada a partir de um fator exógeno. Como resultado, se os autores coincidem na importância que dão à temporalidade de seus objetos de estudo, mostram-se dissonantes em relação às suas teorias da ação social. Por fim, destaco que os âmbitos comparativos mais relevantes da análise feita aqui são: a forma da relação de poder, o fator de diferenciação, o mecanismo de manutenção e a explicação da mudança social. Estas categorias formam o diagrama final (quadro 1) que sintetiza a comparação das obras.

Finalmente, permanecem questões acerca do pensamento de Bourdieu sobre os diferenciais de poder e a estrutura social: até que ponto o fator exógeno dá conta de explicar o dinamismo das sociedades e suas relações entre grupos? E, sendo um autor que se pauta na teoria do *habitus*-campo como chave para o intermédio entre ação e estrutura, onde se encontra a agência, que influi na estruturação do *habitus*, em um contexto de mudança social provocada por fatores exclusivamente exógenos?

Quadro 1 – Diagrama conclusivo das principais categorias

	Modelo de relação de poder	Fator de diferenciação	Mecanismo de manutenção	Mudança social
Norbert Elias (2000)	Estabelecidos-Outsiders	Temporalidade	Fofoca, coesão e controle social	Mobilidade das estruturas sociais no tempo; tensões e conflitos podem alterar a balança de poder nas relações sociais.
Pierre Bourdieu (2021)	Trabalhadores estáveis e instáveis	Classe	Condições materiais, processo impositivo da modernização e grau de instrução	Fator exógeno

Fonte: Elaboração própria.

Luiza Costa Melo é bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). Pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Violência e Administração de Conflitos (GEVAC/UFSCar) e no Grupo de Pesquisa sobre Cidadania, Controle da Ação Policial e Enfrentamento ao Racismo (Capô/DSP-UFF).

Contato: luiza.melo.121@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7476566377253671>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2440-4057>

Site: <https://www.researchgate.net/profile/Luiza-Melo-10>

Artigo recebido em: 15/09/2024

Aprovado em: 21/08/2025

Como citar este texto: MELO, Luiza Costa. Relações de poder e mudança social. Uma análise comparativa das visões de Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 11, nº 02, e1127661, 2025.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O Desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

CAPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina; BRITO, Mozar José de. Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault: uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, vol. 7, n. 3, p. 356-369, 2005.

CAPRARA, Bernardo Mattes. A teoria das práticas sociais em Bourdieu e Lahire: diálogos e divergências. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 22, n. 239, p. 71-79, 2023.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KLÜGER, Elisa. Apresentação. In: BOURDIEU, Pierre. **O Desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. **Cogito**, v. 11, p. 14-19, out. 2010.

NEIBURG, Federico. Apresentação à edição brasileira: A sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Notas

¹ Aqui não me refiro ao estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, visto que, além de Bourdieu já ter se declarado um crítico, é uma abordagem pautada na linguística estrutural aplicada às ciências humanas, a qual busca evidenciar estruturas invariantes e atemporais do pensamento humano, como mitos, parentesco e estruturas de linguagem. Esta abordagem das estruturas sociais não é empregada neste artigo.